



FERNANDO DE CASTRO

1866

CONFERENCIA  
ABOLICIONISTA

1866





*hss*  
*Abalacao*  
FERNANDO DE CASTRO

P.  
7224

*João*  
CONFERENCIA ABOLICIONISTA

THEATRO S.<sup>ta</sup> ISABEL

A 25 DE MARÇO DE 1885

MANDADA PUBLICAR PELA SOCIEDADE

“ AVE LIBERTAS ”



PERNAMBUCO

—  
TYPOGRAPHIA APOLLO

—  
1885



A

JOAQUIM AURELIO NABUCO DE ARAUJO

O CHEFE DO ABOLICIONISMO BRASILEIRO



A

DIRECTORIA

DA

**SOCIEDADE AVE LIBERTAS**





EX. <sup>MAS</sup> SENHORAS; MEUS SENHORES.

Eu tenho a honra de dirigir-me especialmente ás Senhoras, ao subir pela primeira vez a tribuna das conferencias, quando se me afigura o dever e a impossibilidade de possuir esse raio visual do navegadôr, que alcança uma area mais vasta de circulo marinho, por isso que o habito o fez mais longo.

Em compensação eu sinto que o assumpto se limite ao curso impresso pela brilhante Directoria da sociedade AVE LIBERTAS, de tal modo que parece não ser eu mais do que um seu delegado, incumbido, sem renuncia das minhas

---

ideias, de denunciar-lhe em publico o sentimento, e incumbido mais de transmittir ás bellas representantes do SEXO AFFECTIVO o enthusiasmo de que a sociedade se tem possuido para o trabalho em prol dos ultimos proscriptos da communhão occidental.

E' facil avaliar a necessidade de esforço do architecto que se visse obrigado á traçar o plano geral d'uma obra d'arte que tem de ser posta ao alcance de todas as vistas; é facil, por isso, aquilatar o embaraço de que me possui na construcção de um trabalho que, além do mais, eu reputo difficil.

---

Entretanto é preciso dizer que eu sou obrigado, antes de tudo o mais, á chamar vossa attenção para este dia de hoje, que representa o anniversario de TREZ dactas da Historia Imperial deste

paiz, cada qual mais digna de estudo que não cabe nos limites de uma conferencia.

Foi á 25 de Março de 1824, minhas senhoras, que o primeiro imperadôr outorgou-nos e fez jurar essa CARTA CONSTITUCIONAL, que ainda hoje serve-nos de lei organica e que custou á raça mascula da Confederação do Equadôr o desespero de uma revolução e o assassinato — legal — de *quatorze* republicanos do Norte.

E que custou ao Pôvo Brasileiro em pezo a extorsão despótica do MAIOR direito de um pôvo livre, de um estado soberano, e o exilio de JOSÉ BONIFACIO — “entregue á fé punica de um piloto de Gôa” (1).

Foi tambem em 25 de Março de 1862 que, á esse mesmo imperadôr, expulso,

---

(1) Theophilo B. *Otoni*. A estatua equestre. 1862.

pode-se dizer, do território nacional em 7 de Abril de 1831, se levantou, propositalmente, uma **ESTATUA EQUESTRE**, na mesma praça do Rocio (2) onde foi esartejado em 1792 o **TIRADENTES**, como que para lembrar ás gerações vindouras que lá sôb os pés do cavalleiro de **BRONZE** véla quasi secularmente, exigindo vingança, o *primeiro martyr* dessa liberdade brazileira que nunca apontou no hórizonte.

A razão, portanto, da escolha que do dia de hoje fez a sociedade **AVE LIBERTAS**, não é o ser elle anniversario destas *duas* dactas; mas, simplesmente, o ter sido lavrada, á 25 de Março do anno passado, a—Carta de alforria integral—da provincia do Ceará.

E é justa, minhas senhoras, esta solemne manifestação que a sociedade,

---

(2) *Ib...* e processo de Tiradentes, por Esquiros.

representando a maioria dos Pernambucanos, faz ao povo energico que expurgou-se do maior dos vicios, por isso que o esforço d'aquella porção briosa da patria, sôb uma legião de resistencias, excedeu, á perder de vista, o nivel que poderam attingir as investidas escravistas.

O dia 25 de MARÇO foi um acto viril que tem como base unica as extratificações tradicionaes do SENTIMENTO NACIONAL por um regimen novo, caracterizado, no presente momento historico, por essa alluvião de sociedades abolicionistas que o EXEMPLO de Aprigio Guimarães, na sociedade litteraria *Onze de Agosto*, e a PALAVRA robusta de Joaquim NABUCO, na Camara dos Deputados de 1878, fizeram brotar do Coração brasileiro, enchendo o ambiente do paiz desta athmosphera tão pura, tão salutar, que parece, á nós que respiramos o

ar do segundo reinado, o prolongamento da athmosphera da INDEPENDENCIA.

Foi um acto de justiça e de humanidade populares, que encontrou de frente a resistencia dos proprios governos e que é a primeira prova por onde se poderá aferir, no futuro, o valor da—iniiciativa privada—que o regimen abusivo dos monopolios traz de rastos pelo chão do paiz, sem incentivo, sem invenção, sem esperança e mesmo sem trabalhos.

Merece, por isso, uma solemnisção especial e democratica, como esta, por parte de um grupo admiravelmente pequeno de SENHORAS, que são a encarnação do trabalho e do patriotismo, e que parecem as representantes; no Atlantico, d'aquellas Americanas que no Chile correram em massa, na manhã de 24 de Setembro de 1865, á borda azu-

lada do Pacifico, para levantar um protesto exemplar contra essa esquadra hespanhola que lhes bombardeava a cidade de Valparaiso.

---

Consenti que eu entre agora na explanação da THESE de minha conferencia, a qual eu preferi assentar, exclusivamente, sobre o SOLO HISTORICO, ECONOMICO e MORAL do paiz aonde o seu objecto é ainda hoje um appendice forçado.

Afunda-se até o alicerce dos primeiros assentamentos coloniaes do seculo XVI a raiz trez vezes secular da Escravidão brazileira.

Jazia, á titulo de *civilisação* e *catechese*, n'um estado de liberdade legal impossivel de supportar e de descrever, limitado entre o duro trabalho forçado das minas e da agricultura e a expiação



voluntaria da vida no campo de guerra, uma raça inteira de *aborigenes* americanos, entregue ás mãos dos primeiros colonos estrangeiros que lhe abordaram as plagas, na primeira metade do seculo da Renascença; quando, por um EDICTO de 1556 (3) do Senhor rei D. João III, foram declarados ESCRAVOS os indios da tribu Caheté, desta *Capitania*, por terem devorado o primeiro bispo do Brazil, D. Pedro Fernandes Sardinha (4).

Justamente por esse tempo, no mesmo anno, começava, na gruta de Macáu, o grande poeta Luiz de CAMÕES á levantar o monumento latino dos LUZIADAS, que era como um protesto vivo do exilado contra essa invazão nascente que o JESUITISMO, prenhe do valôr que lhe

---

(3) *Abreu e Lima. Socialismo. 1855.*

(4) *Chronica da Companhia de Jesus no Estado do Brasil, pelo Padre Simão de Vasconcellos, segunda ed. 1864.*

deu a lucta com a Reforma, fizera, um anno antes, na Metropole e, portanto, na India, na África e no Brazil, pela enorme embôccadura das **ESCHOLAS PUBLICAS** e das **MISSÕES**.

Do acto **REAL** em diante—o egoismo dos colonizadores, pelo habito de sophismar as leis, considerou *Cahetés* quasi todos os Indios Brazileiros; e aquelles que se salvavam da *interpretação* dos interessados, cahirão nas garras desta **SENTENÇA** celebre do **TRIBUNAL DA MEZA DA CONSCIENCIA** de Lisbôa, que resolveu *poder o pae vender o filho e qualquer vender-se á si proprio*.

A escravidão estendeu, por isso, ajudada, em todo o percurso da sua campanha, por uma alluvião faminta de **LEIS** desorganizadôras e contradictorias, suas raizes, no fundo dos abarracamentos dos selvagens, e fez-se acompanhar sempre de todo esse tradicional

cortêjo de supplicios CORPORAES sobre cuja superficie boiavam, com os auspicios da lei, a *mutilação* e a *marca do ferro em braza* (5).

E não contente com tudo isto, não satisfeita com o seu grande mercado nos ALDEIAMENTOS dos Indios, cujos *descimentos* do sertão importavam o pezo da algema, ella ainda tentou o crime de *pirataria* que se poderá chamar *interna*, exportando para o estrangeiro, por cima do Atlantico, os *naturaes* da nossa terra natal, apanhados ou não em guerra que, ella propria, fomentava por toda a parte (6).

Os Jesuitas começaram então, quasi ao mesmo tempo, uma outra CAMPANHA que chegou até nós com o nome de regeneradôra CIVIL E MORAL, e que o foi

---

(5) Alvarã de 3 de Março de 1741, de D. João V, o *Fidelissimo*.

(6) Aponts, nots. e obs. para a Hist. do Maranhão. nota C, pag. 351, por J. F. L. (João Francisco Lisboa). 1858.

á *principio*, pedindo a libertação dos *autochtones* do Novo Mundo e pregando o Evangelho ; mas campanha que degenerou cêdo n'uma desbragada especulação COMMERCIAL, e que o futuro historiadôr há de affirmar ter sido o *motivo* despertadôr dos instinctos negreiros dos Colonos que, despojados *em parte* do indio, voaram á AFRICA para assentar mais um outro balcão de mercadoria humana, além de ter sido o *inicio* da fanatização posterior de um povo inteiro que até auxiliou á ateiarem no cerebro inculto de uma Raça, que seria um dia levada á conta dos elementos de formação da nação brasileira, o facho esterilizador do mais variado e imaginôso fetichismo.

E isso era natural : a escravidão é a encarnação viva do *abyssus abyssum invocat*.

E, ninguém pense que esse estado

*normal* de cousas. não chegou ao excesso, porque, emquanto lá pelo alcançado das serras sertanejas, lá por esses platós do Xingú,—aonde Bartholomeu BUENO viu os hyeroglyphicos da PAIXÃO do Christo que, sem duvida, não tiveram energia bastante para ultrapassar a terra do JUDEU LENDARIO, transpôr as muralhas de VICHNOU e do BRAHMA e desembocar na America, se tal é certo, pelo ISTHMO de Behring, áquem dos Andes,—em quanto lá pelas selvas do OCCASO brasileiro as Missões “*peijavam seus armazens de visualidades e de imagens preparadas como para todos os effeitos das phantasmagorias scenicas, (7)*” com o fim de aterrarem e captivarem os Indios ; continuaram aqui pelo littoral á desembarcar, durante trezentos annos, sempre em maior escala,

---

(7) Apontamentos para a Historia dos Jesuitas do Brazil por Antonio Henriques *Leul.* vol I. 1874.

estes rebanhos annuaes de dezenas de milhares de AFRICANOS, que vinham envenenar inconscientemente a colonia no nascedouro e dar azo á esse contristador *peccado* (8) que o Padre NOBREGA stygmatisou no correr de suas Cartas.

De forma que foi theatro a America do Sul dessa obra dupla de destruição moral, dupla porque era a destruição moral de duas raças inferiores que a LEI GERAL da lucta pela existencia se incumbiria de fazer desapparecer naturalmente do planeta humano, ao influxo da raça colonizadora, e porque era o enfraquecimento morale e physico desta que, por meio da escravidão, jungiu as duas ao poste da vida.

E assim, pelo espaço de seculos, ião vivendo milhões de brasileiros, adopti-

---

(8) Carta do P. Manoel da *Nobrega*, da companhia de Jesus, em as terras do Brazil, ao padre mestre Simão. Bahia, á 9 de Agosto de 1549.

vos e nacionaes, uma vida de lucta cega e anormal, despojados da justiça, da sociedade e do descanso, sem lei, sem patria, sem coração, sem consciencia, sem crenças e, o que está acima de tudo isto porque é a base de tudo, sem familia; quando, por inspiração do PONTIFICE ROMANO de 1741, e resistindo aos proprios Missionarios Jesuitas que lheram verdadeiras batalhas campaes nas cabeceiras do Rio Negro(9), o energico Marquez de POMBAL lavrou a Carta de libertação Integral dos Indios do Brazil, por Alvará, do Senhor D. JOSE' I, de 8 de Maio de 1758.

Por esse tempo, mais ou menos, a palavra de BENEDICTO XIV era ouvida nas colonias hespanholas e, pois, em toda a vastidão da America não houve mais captivos indigenas; ao contrario al-

---

(9) Apontamentos para a Historia dos Jesuitas do Brazil, por Antonio Henriques *Leal*. vol. I. 1874

guns soberanos trataram de ennobrecer-os, elevando-os ao nivel legal das classes privilegiadas.

300 milhões de selvagens, minhas senhoras, que havião persistido secularmente BRONZEADOS e com uma LINGUA propria, cedendo somente os algarismos que lhes roubavam as devastações da fome, da peste e da guerra; viram então clarear de subito as suas fileiras, *amarellados* e sem o seu *idioma*, por influencia da selecção natural (10) á que os jungiu a necessidade de uma larga CO-OPERAÇÃO SOCIAL.

Porém, se a America presenciou este facto que foi, pode-se dizer, um epizodio, um incidente, do ESPECTACULO scenico da queda da Companhia de Jezus, na sua total expulsão e extincção em todo o Universo civilizado; comtudo

---

(10) L'Origine des espèces par Ch. *Darwin*. Trad. par E. Barbier. Chap. IV. Paris, 1876.



ainda Portugal ia fomentar na Africa essas guerras devastadôras que lhe forneciam 40,000 negros annualmente,(11) só para a lavoura do BRAZIL.

Isso, porém, nada foi ; porquanto o proprio estandarte *auri-verde* do Imperio Brasileiro foi visto suspenso, até 1850, no tôpo da gavea dos navios negreiros, e elle proprio soffreu a affronta dos cruzadores Inglezes e do BILL ABERDEEN, que queimaram-nos 90 navios, suspeitos de fazerem o trafico, nos mares territoriaes, sob o fôgo mesmo das baterias brazileiras (12).

E até hoje mesmo, quando todo o Occidente já se acha lavado de ha muito da grande nodoa, o nosso paiz, minhas senhoras, conserva-a na hediondez dos seus costumes, na heterogenei-

---

(11) Memoria de *José Bonifacio* de Andrada e Silva sobre a escravidão no Brazil. Paris, 1825. 2.<sup>a</sup> ed. 1871.

(12) *Nouvelles etudes sur le Brezil* par Charles Pradez. Paris, 1872.

dade de sua raça, na inconstancia dos Orçamentos de Estado, na ignorancia da massa geral, muito mais accentuada do que no proprio ALGARISMO de sua decrescente estatística.

Entretanto ha ainda no Brazil, segundo o calculo mais provavel, um MILHÃO de escravos, da raça NEGRA.

---

Minhas Senhoras. — E' contra esse quadro de desolação, de injustiça e de sangue que a Escravidão gravou na pedra dos tempos, dia por dia, anno por anno, seculo por seculo, durante todo o passado da nossa vida colonial e independente, que actualmente se levanta, de novo, em nosso paiz, a onda constructôra do ABOLICIONISMO, tantas vezes desviada no percurso da vida imperial pela violencia, pelo sophisma,

pelo deleixo e pelo ouro, e que parece ter despontado primeiro—na lei—pelas dobras do Decreto de 15 de Março (13) do Governo Republicano Provisorio de 1817, desta provincia.

O Abolicionismo nada é mais, por isso, do que o CONGREGAMENTO de trez raças, quasi decahidas no todo, que se uniram na hora da desesperança aonde se poderam dar as mãos, para levantar o seu brado de vingança contra esse PASSADO de horror e de usurpação, e que só precisa no momento actual, em que elle culmina o cimo do Itatiaia Constitucional, do concurso salutar da MULHER brasileira.

O Abolicionismo não é esse monstro que por ahi se apregôa, á cada canto, ir introduzindo na sociedade os germens da *anarchia* civil, da *desorgani-*

---

(13) Martyres Pernambucanos. Vid. Araujo 3.º pag. 51, 1854.

sação do trabalho e da *decadencia* moral !

Eu quizera que se me apresentasse no passado um momento que a escravidão deixou de *repouso* civil, um momento que não tenha sido um *seculo* de depredações, de guerras, de desespero, de lagrimas.

Eu quizera que se me apontasse esse trabalho *organizado* em tão longo percurso, os *instrumentos* desse trabalho, as suas *invenções*, a sua *produção*. A escravidão entregou a terra ás mãos de uma classe e a terra foi o seu unico instrumento ; inventou a rotina e foi o seu unico invento ; produziu a lavoura exclusiva do algodão, do assucar e do café, e foi sua unica produção. A escravidão é o trabalho FORÇADO, e o unico trabalho organizado do paiz, foi a *escravidão*.

Mas eu quizera, acima de tudo, que

se me mostrasse o logar do passado em que a escravidão tivesse deixado penetrar a MORAL, para ella ter podido viver e decahir hoje. Ao lançar o olhar para os tempos de hontem, eu vejo só, ao lado da escravidão que é a imagem da miseria andando, a sociedade voltear-se em contorsões scénicas que excedem o desespero dessa dança selvagem dos *demonios*, dos Cobbans de Guatemala.

Monstro—é a escravidão.

Nós, poderemos ser *os que nada teem á perder*, porque teem perdido tudo.

Mas, antes disso, nós somos no presente momento os que se esforçam por operar a reconstrucção de uma nova Patria para todos. Nós somos uã massa enorme que não tem nome, um todo compacto e volumozo, que pede *nada* para si e *tudo* para toda a patria.

Nós somos a grande massa geral do PROLETARIADO BRAZILEIRO, que acaba de

despertar de um somno medonho, e que se ajoêlha todo sôb o sol do Brazil, como outros Incas, clamando contra todos os effeitos da escravidão, disposto a supportar as consequencias do crime dos antepassados.

Nós somos a GERAÇÃO MODERNA que vem chegando e que, farta de ter entorpecido o cerebro no bôjo dos mosteiros, protesta contra essa educação actual que é um mero prolongamento dos ensinamentos antigos.

Ainda paira sobre nós, filha do regimen absoluto, a nuvem espessa da anarchia mental que caracteriza o seculo XIX e que cega-nos ao ponto da imbecilidade e do delirio.

Nós somos o PEQUENO LAVRADOR RURAL que vem arrastando a vida pelo chão das *feiras* e foge deste senhorio feudal, que não está na lei mas está no costume.

Nós somos a INDÚSTRIA, que a grande propriedade apunhalou no mercado pela concorrência da *lavoura*, e que pede o levantamento de um cadastro geral das terras, (14) a obrigatoriedade do aprendizado e do trabalho e a adoção do salario, ao lado do IMPOSTO TERRITORIAL.

Nós somos o OPERARIO NACIONAL, sobre cuja cabeça assentou um dia a desconfiança do capital, que lembra aos poderes do Estado a grande phrase de PLINIO que resume a queda do Imperio Romano e lhes aponta, sobre o mar das misérias brazileiras, o ORÇAMENTO vo-gando sem mastreação, sem leme, sem bussola, mas cheio de *timoneiros*.

Nós somos a LEGISLAÇÃO do paiz, velha, mofada, contradictoria e sem execução em tempo algum, especialmen-

---

(14) *Traité de la science des finances*, par Leroy *Beaulieu*. Vol. 1.º cap. VI. 1877,

te nesta parte da emancipação dos Indios e dos Negros, em que os brazileiros semelham o povo da Jerusalem de Jeremias que esqueceu a prescripção desse monumental CYCLO SABBATICO de MOYZÉS, (15) que se poderá chamar o jubileu *septennal* dos escravos.

Nós somos a RELIGIÃO, que o negro africanizou e levou de vencida deshumanamente por entre os espinhos da superstição e do fanatismo; esta religião que tem de coincidência com a escravidão o ter ella assomado, da Azia para o Occidente, pela mesma CRUZ que era o instrumento de supplicio dos escravos judeus e na pessoa desse mesmo Christo á quem *tomaram*, na phraze de Zacharias, *por trinta dinheiros* (16) *tanto quanto valia um escravo*.

---

(15) Recherches nouvelles sur l'histoire ancienne, par Constantin François Volney. cap. IV. MDCCCLXVIII.

(16) Jesu-Christo, por Louis Veuillot, trad. do V.<sup>e</sup> de Castilho.



Nós somos, ainda, a raça selvagem dos INDIOS, representada nesses poucos milhares que do cimo das Cordilheiras do Oeste apontam milhares de braços futuros para Goyaz, Matto-Grosso, Amazonas e todo o Brazil.

Nós somos a IMMIGRAÇÃO que falha, o TRABALHO que reclama a sua nobreza, a EXPORTAÇÃO que é nenhuma e a IMPORTAÇÃO de tudo.

Nós somos, emfim, a raça DE CÔR, que já comprehendeu que d'aqui ha poucos tempos a geração posterior á esta que lhe dér a carta de emancipação, levará tambem ao NEGRO musculozo do *Parahyba do Sul* essa mesma condecoração que a historia pendurou ao peito do ZUMBI no despenhadeiro da serra da *Barriga*.

---

Porém, minhas senhoras, nós somos, antes de tudo isso e acima de tudo, a

propria FAMILIA BRAZILEIRA, que foge da senzala, que deve fugir da senzala, como quem corre do crime, com a infancia aos hombros, para salvar o berço á geração futura.

E representamos, no presente momento historico de regeneração material e psychica, a alma dessa VIRTUDE pessoal, domestica e civica que o *veneno* da Escravidão fez desgarrar-se do solo brasileiro, como a neblina das varzeas, e que volta na imagem do Abolicionismo, á rampa do Atlantico, para confiar de vós a sua restauração no HOMEM, no LAR e na SOCIEDADE, como esse espectro do HAMLET que veio, á meia noite, confiar ao filho, na margem somnolenta das aguas, a vingança do seu envenenamento.

Acceitae o mandato, que vos honra.

Acceitae-o e vinde accrescentar o valôr do vosso elemento *affectivo* á essa

legião abolicionista que pede a todos os poderes constituídos, para a *patria*—uma Nação honrada e homogênea e para esta *nação*—uma Patria Nova, que, em tudo e por tudo, é incompatível com esta escravidão da raça Negra que nada tem de semelhante á escravidão antiga, a qual era uma instituição apropriada — *aos hábitos e necessidades do estado social de então* e o *fructo da doçura dos costumes* (17).

Foi pelo LAR DOMESTICO, minhas senhoras, que o escravo Negro começou esse mortífero bloqueio moral, ethnico, economico e politico, contra a raça captivadôra, que deixará signaes eternos, indeleveis, nas diversas ramificações da vitalidade do nosso pòvo, por isso que a escravidão é, como já tive

---

(17) Fragments de philosophie positive et de sociologie contemporaine, por E. Littré, pag. 20. Paris, 1876.

ocasião de dizer uma vez—“ o centro moral onde gyram todas as actividades nacionaes, debaixo deste circulo rigoroso formado pela pobreza, pela ignorancia, pela prostituição e pela vagabundagem (18). ”

O negro foi o PRIMEIRO LIVRO que a INFANCIA brasileira viu aberto aos *olhos*, antes de transpôr o limiar desses mosteiros que lhe continuaram, dignamente, a educação domestica.

A bestialidade dos seus costumes, a ferocidade dos seus instinctos, a phantasticidade de suas crenças, o cunho da sua passividade, o caracteristico do seu sangue,—tudo isso entrou pela *alma* da INFANCIA á dentro, em plena nudez de sua carnção grosseira, e ainda hoje apparece, aos olhos do observador me-

---

(18) No art. XIII do *Jornal do Recife* de 29 de Novembro de 1884, assignado sôb o pseudonymo de *Gladstone*.

nos attento porém *menos* acostumado em nosso *meio*, sôb todas as formas mais exquisitas, á todos os momentos e em todos nós.

AS LEIS VITAE da hereditariedade e da adaptação,(19) foram o canal que se incumbiu de escoar, por todas as veias do nosso organismo vivo e depois social, o veneno material e moral desse grande APPARELHO mechanico destruidor que assentou a tenda de suas multiplas e complicadas operações, mesmo no seio da habitação familiar.

Mas, ainda não é tudo.

Ao lado desta especie de bateria que, em represalia do nosso crime, a raça ethiope do Zaire assentou contra a infancia no meio da familia, ha ainda uma outra, complemento da primeira,

---

(19) Histoire de la Creation par Ernest *Hæckel*. trad. du Dr. Letourneau. Partie II, none leçon. Deuxième edition. Paris. 1877.

inexpugnável, assestada contra a propria *familia já organisada*.

E' a *senzala*, assestada ao lado da fazenda em pedra e cal, como um inimigo durante seculos desta preponderancia —habitual—do altruismo sobre o egoismo, que uma possante organização intellectual do seculo XIX denominou —*o grande problema humano* (20)—.

A *senzala*, que foi o producteur deste pronunciado—sentimento egoista—que um grande homem julgou incompativel com a existencia de *qualquer organização social*, obrigando o *individuo á isolar-se e luctar, só, contra a natureza em pezo* (21).

E ella foi, entretanto, o PRIMEIRO ESPELHO que a familia brasileira conhe-

---

(20) *Cathechisme positiviste* par Aug. Comte. Introd. pag. 59. Deuxième edition.

(21) *La Morale positive* par le Dr. Clavel. Deuxième partie, I. Paris. 1873.

ceu e é ainda hoje o seu appendice quasi forçado.

O bom espelho reflecte a luz diamantina da belleza d'alma, como o mau estampa a figura do vicio e do defeito.

O exemplo, como o costume, é um factor do bem, como é um factor do mal.

E a senzala é um—*lupanar*—, e um lupanar, diga-se a verdade, erguido frente a frente do —*lar*— domestico, para vergonha do futuro.

Vis á vis da senzala, a familia, como a infancia, degenerou e corrompeu-se.

Ella, que pode conseguir embotar o sentimento do cidadão mais honrado, ella que pode obliterar a consciencia do homem mais puro, que pode arrastal-os aos seus pés e conseguiu impor-lhes até uma religião *propria*, de forma que ainda hoje nós assistimos o espectáculo do *fazendeiro* que sacode a agua *benta* por sobre o machinismo do *enge-*

*nho* e da mulher que ajoelha perante as chammas da *fogueira* de S. João; ella, repito, poude tambem conseguir impor-se á familia em pezo e roubar-lhe o que tinha de mais puro, de mais nobre e de mais santo.

E' por isso, minhas senhoras, que a sociedade AVE-LIBERTAS mandou-me dizer-vos que o Abolicionismo, além de ser um protesto de todos os centros expoliados contra a classe monopolizadora, é, primeiro que tudo isso e acima de tudo, uma onda de regeneração, de reparação, que abrange o proprio protesto desta classe contra toda essa usurpação do passado infantil e familiar que deixou o lar domestico sem nome, sem crença, sem economia, sem futuro, e sem honra, prompto a escancarar-se á primeira invasão dos costumes baixos e á primeira tentativa do vicio.



E a sociedade faz um APELLO solemne, convidando-vos para o grande trabalho de que se incumbiu.

Protestai; é dever de toda a mulher brasileira levantar um brado de indignação á face deste passado deshumano que lhe roubou os paes, os filhos, os irmãos e as mães, na escravidão funesta de duas raças.

Vinde ajudar-nos na obra grandioza da reconstrucção da Patria para podermos todos entregar um dia aos vindouros, sobre as ruinas desta actual PALMYRA das tres raças do Planeta HUMANO, um EDIFICIO NOVO, para o qual, talvez mais tarde, a Geração Escrava tenha tambem de depositar mais uma pedra no meio dos perigos vitaes da maternidade.

---

Minhas senhoras. Eu já devo findar.  
Houve um dia, no anno de 1620, em

que, á leste dos Estados-Unidos, um espectáculo sorprendente se desenrolou á luz magnifica da natureza americana.

160 EMIGRANTES INGLEZES, destes que a lucta religioza exilou do paiz, desembarcados sobre os rochedos de PLYMOUTH, á face do oceano e do azul, estabeleceram sobre as bases de um *contracto* a primeira colonia d'aquelle litoral e juraram em corpo obediencia ás leis e ao compromisso de erguerem, pelo trabalho e pela honra, a nova nacionalidade que acabavam de constituir.

Juremos, minhas senhoras, nós os FUGITIVOS da senzala, não descansar um momento emquanto não podermos plantar no cimo da Rocha brasileira, como outros emigrantes da União, a bandeira da NOSSA NOVA PATRIA, uma patria sem Escravos.



**'TYPOGRAPHIA APOLLO**



## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).